

A TERCEIRA EXTEMPORÂNEA E A FORMAÇÃO DO EDUCADOR EM FRIEDRICH NIETZSCHE

DOS SANTOS, Ivanildo Luiz Monteiro Rodrigues

O processo de unificação da Alemanha é um importante aspecto da concepção nietzscheana sobre cultura. Friedrich Nietzsche (1844-1900) no texto, a **Terceira Intempestiva: Schopenhauer Educador** refere-se ao Estado alemão – recentemente unificado (1871) – de seu tempo, como principal agente deturpador da cultura e do espírito do que seria propriamente a essência do homem. Tal Estado, sob muitos aspectos mantinha a mesma identidade cultural da época de Arthur Schopenhauer (1788-1860), no entanto a unificação não foi um fato vivenciado por este. Devido ao longo processo de unificação, pode-se ressaltar que as observações de Schopenhauer sobre formação cultura engajada pelo Estado tiveram grande influência nas primeiras teses nietzscheanas sobre a formação educacional.

Para expor a interpretação de Nietzsche sobre a cultura alemã faz-se necessário, tendo por base a **Terceira Intempestiva**, analisar em que contexto histórico se encontra a filosofia schopenhauriana. Esta análise e contextualização histórica, ainda que superficial, se deterá primeiramente sobre os aspectos da formação (educação) alemã do final do século XVIII até a primeira década do século XIX. Posteriormente, ancorada no pessimismo como modelo crítico capaz de problematizar o teatro social da cultura do século XIX, onde se desenvolve o pensamento schopenhauriano, a fim de compreender as motivações nietzscheanas para recomendar Schopenhauer como modelo de educador.

Por fim, trata-se de analisar a filosofia schopenhauriana no que tange a questão da cultura e formação do gênio, tendo a meta de verificar como se dá o ideal nietzscheano da genialidade. A partir do contexto histórico busca-se averiguar quais elementos Nietzsche toma como condição necessária de formação do educador em Schopenhauer.

CONTEXTO HISTÓRICO NA ALEMANHA DE SCHOPENHAUER

O Estado alemão sob o qual nasceu Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), a Prússia, era um reino de forte ímpeto nacionalista¹ e almeja a unificação cultural do povo germânico tendo como principal argumento o idioma falado e a etnia dos estados da Confederação Germânica criada a partir do Congresso de Viena.

O projeto de unificação do Estado nacional alemão se deu de fato a partir de Otto Von Bismark (1815 – 1898) então nomeado chanceler (1862) pelo rei Guilherme I da Prússia. Bismark pertencia aos *junkers* (nobreza latifundiária), grupo que detinha privilégios junto ao Estado, ocupando posições de suma importância nas decisões burocráticas do Estado e no exército prussiano. Decorrendo disto a pertinente análise de Hobsbawm (2001), para o qual, o processo de unificação que tornaria o estado mais forte aliava-se e tinha apoio nos interesse que vinham de encontro ao que almejava a alta-burguesia. Unificado em torno da Prússia forma-se em 1870, o Estado nacional alemão, e consolida-se com a Guerra Franco-Prussiana, na qual estados sulistas se aliaram à Prússia, conduzindo-se para a vitória.

A influência do estado prussiano se fez notar em todos os aspectos da vida e da cultura alemã, principalmente nas instituições, e, dentre estas a que mais interessa aqui é a educativa. Isto porque, para o jovem Nietzsche da **Terceira Intempestiva: Schopenhauer Educador**², o Estado figura como empecilho ao que este filósofo entende por verdadeira cultura. Diante disso, faz-se importante analisar a situação da conjuntura escolar na Alemanha do século XIX, escola esta que é uma agência construtora de cultura, financiada pelo Estado.

A partir de 1815, a Prússia renovou todo seu sistema escolar, sobretudo o elementar. Para preparação dos mestres abriram-se escolas normais que se multiplicaram rapidamente. Quanto ao ensino secundário, as idéias divergiam:

¹ Segundo Hobsbawm (2001, pp.126-127) o “princípio de nacionalidade” posteriormente denominado pelo termo “nacionalismo” seria mais propriamente entendido como: uma luta pelas reivindicações dos membros de uma nação (neste caso a alemã) contra um governo tirânico. Para este historiador, a “nacionalidade” em si mesma desempenharia um interesse de segundo plano, porém, um mote de suma importância para os interesses do liberalismo e do progresso econômico.

² As Considerações Extemporâneas em algumas traduções, inclusive a do presente trabalho, trazem Considerações Intempestivas como títulos (MARTON, 1999, p.30). As referências às Considerações Extemporâneas serão neste trabalho, abreviadas por: Co. Ext., acrescidas da numeração que as submetem ou, pelo seu subtítulo.

queixavam-se de um intelectualismo excessivo, de uma sobrecarga de saber ou reclamava-se um saber mais diverso. Entendeu-se que “na reação geral que se seguiu a 1815, o Estado semi-absolutista tinha necessidade de súditos dóceis, de espíritos medíocres e honestos, não precisava de caracteres independentes nem de espíritos eminentes” (BIANQUIS s/d, p.118).

Na primeira década do século XIX o programa escolar almejava, segundo Bianquis (s/d, p.107), a apreensão de noções básicas de escrita e leitura, bem como de aritmética nada sofisticada, destinava-se a um intenso saber sobre a Bíblia e memorizar cânticos. Tal formação era tarefa que cabia a um mestre com “poucas garantias quanto às capacidades pedagógicas” (Ibidem, p. 108). Aqueles que detinham a função de mestre eram (antigo criado ou ex-soldado) indicados pelo senhor da aldeia, que na nomeação para este cargo, tinha mais em mente o reconhecimento dos serviços prestados, ao invés da capacidade intelectual ou didática.

As universidades são o foco da vida citadina, no contexto abordado. A logística da vida comercial dá suporte e se consolida através da vida na universidade, que em seus estudantes e professores tem seu valor e reputação. Quanto aos estudantes o prestígio, segundo Bianquis (s/d, p.120) se dá menos pelos seus hábitos de estudos, do que pela maneira – embebida do ideal romântico – que usa gastar o dinheiro e ridicularizar o burguês. Outro tipo de estudante também compunha os bancos universitários, aquele que encontrava na vida intelectual o aperfeiçoamento de sua cultura. Estes buscavam meios de ampliarem sua cultura e saber por meio de seminários de pesquisa, cursos e horas de leitura nas bibliotecas.

A partir de 1815 os estudantes viriam de todas as camadas da população. Todavia, o “contraste entre um mundo na teoria totalmente aberto ao talento e, na prática, com cósmica injustiça, monopolizado pelos burgueses e filisteus” (HOBBSAWM, 2001, p.282); imiscuiu o âmago da juventude que se rebelaria contra tal postura social do antigo regime. Isto serviu de base para uma sociedade que lutaria por suas convicções em 1848.

No ideário unificador prussiano funda-se os laços estreitos da juventude alemã que congrega-se por meio da noção de unidade nascente do povo alemão. Isto ocorre na livre associação de toda a juventude alemã que recebe nas universidades uma

formação científica, por meio do ideal de fraternidade aberta a todos “*Burschenschaft* geral” (BIANQUIS s/d, pp. 123 - 134).

Arraigado no espírito da época, o nascente nacionalismo – o amor a pátria e o sentimento de honra em defendê-la – fora o mote do Estado alemão para instituir-se como meta humanitária. Por meio da educação, fez-se com que formassem cada vez mais cidadãos imbuídos desse espírito dócil, agregados e defensores da coletividade, aptos a exercerem o papel ao qual se prontifica todo homem deveras educado. Papel este, que representa uma leitura diametralmente oposta a do jovem Nietzsche ao conceber homem cultivado³.

Marca deste contexto histórico do século XIX é posição do artista em relação à cultura da sociedade de seu tempo. A invenção do conceito de gênio, na era romântica, detém uma importância fundamental para o desvelar da cultura da alemã desta época. Isto porque, o artista apartado de uma função reconhecida faz despontar por si só uma estranheza e incomodo inabitual no teatro social. A genialidade distingue qualitativamente os melhores dos demais.

A FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER COMO BASE DA TESE NIETZSCHEANA SOBRE CULTURA

A Filosofia de Arthur Schopenhauer e sua crítica pessimista a cultura alemã do século XIX é o ponto de partida para a compreensão dos primeiros textos de Friedrich Nietzsche sobre a cultura e a formação do educador. De modo peculiar, por meio da interpretação das postulações da tese schopenhauriana circunscreve-se o material conceitual da **Terceira Intempestiva**.

O texto nietzscheano, acima mencionado, traz em seu subtítulo a importância do pensamento de Schopenhauer para o jovem Nietzsche. **Schopenhauer Educador** é a tese central que permite vislumbrar a compreensão do termo cultura para Nietzsche, ou

³ Entende-se que no texto nietzscheano, **Schopenhauer Educador** os termos: ‘educador’, ‘gênio’, ‘homem culto’ ou ‘cultivado’, ‘grande homem’, ‘o melhor dos homens’, bem como mais adiante se falará em ‘homem de Schopenhauer’ são expressões que se equivalem. Isto é, são nomenclaturas que visam destacar qualitativamente estes tipos humanos, que para Nietzsche, estes termos têm por objetivo representar o desenvolvimento maior que aqueles homens tiveram em sua humanidade; diferindo-se do extenso contingente restante da espécie, denotados como ‘homens comuns’ ou a ‘massa’ – estes dois últimos também equivalendo-se entre si.

seja, propor o ideal de homem a ser cultivado plenamente, um ser capaz de se destacar por sua singularidade frente aos demais homens, contrapostos aos homens sem inteligência ou incapazes de utilizá-la, por si próprios. Nietzsche almeja a formação do gênio, e neste reconhece exemplarmente o filósofo Schopenhauer.

Pela terminologia de **cultura vigente**, entende-se em Nietzsche, aquilo que expõe a cerca da cultura que se apresenta na Alemanha de seu tempo, por vezes referida também como cultura decadente ou “pseudocultura”⁴. Isto é, o conjunto de valores, razões e realizações que a grande maioria do povo alemão daquela época toma por cultura. Tal acepção de cultura será a base da análise crítica do filósofo, e se mostrará a antítese daquilo que ele entende por **verdadeira cultura** ou autêntica, ou seja, a formação que incute e promove o desejo no “homem que quer renascer como santo e como gênio” (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p. 184).

O otimismo que se manifesta como propulsor da cultura vigente na Alemanha seria uma espécie de saber que não possuía limites, pois qualquer empecilho manifesto seria questão de tempo até a razão superar. Fruto da postura iluminista este crédito extremado da Razão e do conhecimento científico, segundo Nietzsche (2007) demonstrava, mais “uma falta, um defeito, uma lacuna, do que um transbordamento de forças” sapiencial. Na óptica otimista, apresenta-se uma tentativa de obscurecer, muito mais do que iluminar, ou seja, um subterfúgio para escapar “da pequenez e da maldade morais a que o homem alemão está submetido sem essas derivações” e muitas vezes, por causa destas. (NIETZSCHE, CP., 2007, p.23).

Diretamente relacionada à postura de Schopenhauer, contrária à adoração da cultura científica por parte da formação educativa adotada, Nietzsche acata também a aversão pela figura do homem da ciência⁵, o erudito⁶. Este homem, escravo da verdade

⁴ Cf. NIETZSCHE, F. **Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino**. 2009, p. 101. A partir deste ponto referenciado como: EE. 2009.

⁵ Na época de Schopenhauer e posteriormente na de Nietzsche a filosofia é tida por ciência. Cabendo então a crítica ao homem de ciência a todos os que defendem uma postura otimista diante do conhecimento a cerca da verdade. Postura esta refutada por Schopenhauer desde a sua crítica kantiana, bem como, continuará a ser contestada com intensidade maior a partir das teses fundadas em seu pessimismo radical.

⁶ Segundo Süsskind (2007), o termo: Erudito [*Gebildete*] tem sua origem no termo *Bild* (quadro, imagem, figura), ainda se aplicaria como gênese do verbo *bilden* (formar) e *Bildung* (formação). Quanto ao sentido transliterado seria correto entender a *Gebildete* como “formado”, porém, o atribui-se este a significação

demonstra que “sua verdadeira seriedade consiste em ganhar com honra um honesto meio de subsistência para si” (SCHOPENHAUER, 2001, p.6).

O enfrentamento e aniquilação de toda filosofia (da ciência em um sentido *latu*) otimista é o que se propõe a filosofia schopenhauriana, da qual Nietzsche tomou como escola. Para Schopenhauer (1960), a negação ou ignorância do sentido último da existência é o grande ponto a ser corrigido na história do pensamento humano. Isto porque em sua filosofia o sofrimento é a razão de ser no mundo. Na medida em que o indivíduo é afastado para longe do mundo real, ele torna-se mais inquieto e disperso, sujeitado por um fazer qualquer. Do contrário, o contato próximo com o manto da verdade, faz do indivíduo alguém focado e sereno quanto à razão do seu ser e sua proposta em realizar-se plenamente. Este último tipo individual compõe o grupo daqueles que são responsáveis em dismantelar a visão que os otimistas quiseram adaptar ao seu sistema, e “apresentá-lo *a priori* como o melhor dos mundos possíveis. O absurdo é evidente” (SCHOPENHAUER, 1960, p. 27).

Partindo de uma abordagem volitiva, Schopenhauer contradiz toda perspectiva otimista, defendendo que “se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo” (SCHOPENHAUER, 1960, p.5). A elaboração desta tese tem sua raiz na postulação de que o real constituinte de toda a existência é a Vontade; uma vez esta não podendo nunca ser plenamente saciada, o desprazer (sofrimento) é perene.

A fuga consciente desse mundo de dores é o que a filosofia schopenhauriana propõe, isto é, deixar de ser um objeto da Vontade, escapar ao contínuo sofrimento, dar-se-ia por meio da contemplação artística. A obra de arte seria um dos possíveis modos de aniquilação da vontade, sem tornar-se, no todo, um joguete de seus anseios. Possibilidade essa, a partir de Schopenhauer afirmar que,

quando uma circunstância estranha, ou a nossa harmonia interior nos arrebatava por um momento à torrente infinita do desejo, nos livra o espírito da opressão da vontade, [...] e as coisas nos aparecem desligadas de todos os prestígios da esperança, de todo o interesse próprio, com objetos de contemplação desinteressada e não de cobiça; é então que esse repouso, procurado baldadamente nos apresenta e nos dá o sentimento da paz em toda a sua

“do homem culto e instruído, do estudioso, daquele que tem um vasto conhecimento acerca dos fatos históricos, portanto o erudito” (SÜSSEKIND, In: NITZSCHE, CP. 2007, p. 35).

plenitude. [...] nos vemos por um momento livres da pesada pressão da vontade (SCHOPENHAUER, 1960, p.108).

Por meio da obra de arte haveria então uma fuga do império da vontade. Para Schopenhauer, a arte por excelência é a música. Ainda que a música em si mesma, não seja o mote principal de pesquisa do presente trabalho⁷; no que tange a filosofia de Nietzsche e sua preocupação com a cultura, a herança schopenhauriana quanto o valor da arte musical é de grande importância. Uma vez que para esta filosofia pessimista, a genialidade se exprime nesta arte. Trata-se aqui de deixar de ser um objeto subjugado da vontade (usado como meio) e tornar-se o detentor, o regente, aquele que tem a Vontade em mãos.

A música não exprime nunca o fenômeno, mas unicamente a essência íntima de todo o fenômeno, numa palavra a própria vontade. A invenção da melodia, a descoberta de todos os segredos mais íntimos da vontade e da sensibilidade humana, é a obra do gênio. A sua ação é aí mais visível que em qualquer outro assunto (SCHOPENHAUER, 1960, p.114).

Reconhecendo a importância da música na filosofia de Schopenhauer, Nietzsche a absorve e faz dar frutos, principalmente na compreensão da tragédia. Assim, pode-se afirmar que o jovem Nietzsche de **O Nascimento da Tragédia: Helenismo e Pessimismo**⁸ é todo ouvido às palavras de Schopenhauer, quando este expõe a obra de arte trágica como negadora racional da vontade, afirmando que “O verdadeiro e o último objeto da tragédia é inclinar-nos à resignação, a negação da vontade de viver” (SCHOPENHAUER, 1960, pp.110-111).

A perspectiva negativa da vontade é o ponto estratégico para a formação questionadora da qual Nietzsche reconhece em Schopenhauer um ideal educativo. Pois, encoraja o indivíduo a permitir a si próprio deparar-se frente a frente com a terrível verdade da vida: o sofrimento é sua finalidade. No texto schopenhauriano é possível encontrar a filiação da sabedoria do companheiro⁹ de Dioniso¹⁰ da qual Nietzsche

⁷ Nietzsche adota a música dentro da compreensão de Tragédia. Concepção esta que pressupõe música e texto falado como partes fundamentais do espetáculo trágico. Arriscadamente, talvez, possa se dizer, que ha uma sobreposição de importância significativa da música sobre o texto; todavia, essa afirmação representa algo temerário e incerto.

⁸ A partir deste ponto referenciado como NT, 2007.

⁹ Trata-se de Sileno que, segundo a mitologia grega, era um demônio silvestre de grande sabedoria, além de conhecer o futuro; mas só diz a verdade sob o efeito de vinho. Ele teria educado o deus Dioniso. (Nietzsche, NT, 2007, p.33).

¹⁰ O deus grego, o Baco dos latinos; que era filho de Zeus e rivalizava com Apolo, que era seu irmão.

proclamará, ao dizer o que cabe ao homem. Isto é, que o melhor lhe é inalcançável: pois, não ter existido, não vir a ser; lhe caberia como melhor, conseqüentemente morrer logo, seria o preferível. (NIETZSCHE, NT, 2007, p.37).

Nietzsche (2009, Co. Ext. III) vislumbra o gênio schopenhauriano como educador exatamente pela afirmação de caráter do indivíduo, subjugando a determinação exotérica. Para compreender o pessimismo crítico schopenhauriano, bem como a concepção trágica da cultura autêntica é imprescindível ter em mente a frase: “O mundo é minha representação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43.). Sob esta perspectiva conjuntural e tomando o sujeito inserido no mundo, que hora o sujeita através da Vontade opressora, Schopenhauer indica a possibilidade de o indivíduo adotar o poder da representação criativa da obra de arte como alternativa. É a partir dessa perspectiva que Nietzsche irá buscar referência na obra **O mundo como vontade e como representação** de Schopenhauer ¹¹. A partir da noção trágica da vida, organizada e vivida pelas pulsões representativas das figuras mitológicas dos deuses Apolo e Dioniso, a filosofia nietzscheana se desenvolve na perspectiva de entender, expor e educar o homem em sua real condição de existência. Isto é, um existir que busca compreender-se a si próprio e realizar-se plenamente enquanto obra de arte, na tentativa de superação ao estado natural ilógico da vida, se aceito o fundamento existencial como sendo volitivo.

A noção trágica da existência, herdada da filosofia schopenhauriana é imprescindível para direcionar a pesquisa e formulação filosófica capaz de engendrar uma cultura verdadeira. Compreender a filosofia de Schopenhauer e de Nietzsche através de sua perspectiva existencial é também compreender a tragédia, peculiarmente a tragédia grega, como referencial para explicar o que é o homem e qual sua finalidade no mundo. Esse pressuposto engendra-se a partir do entendimento de qual seria a formação pertinente para educar o futuro homem a viver nesse mundo, como ator consciente e responsável por suas ações que devem visar transformar e aperfeiçoar a sua existência.

¹¹ Cf. SCHOPENHAUER, 2005, p. 39. **O Mundo como vontade e como representação** é a obra capital de Arthur Schopenhauer que ele mesmo assim a define no prefácio a terceira edição.

REFERÊNCIAS

BIANQUIS, Geneviève. **A vida quotidiana na Alemanha: na época romântica (1795-1830)**. Trad. Joel Serrão. Lisboa: Livros do Brasil, S/D.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000.

HOBBSAWN, Eric J. **Era das revoluções**. Trad. Maria Tereza Lopes e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: Das Forças Cósmicas aos Valores Humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
http://www.4shared.com/get/A5jHCih/MARTON_Scarlett_Nietzsche_das_.html. Acesso em 16 fev. 2011.

_____. **Nietzsche: Uma filosofia a marteladas**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

NIETZSCHE, F. **A visão dionisíaca do mundo e outros textos de juventude**. Trad. Marcos Sinésio Pereira, Maria Cristina dos Santos Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (VD).

_____. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. (CP)

_____. **Fragmentos póstumos e aforismos**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2010. p. 261-348. (FP)

_____. **Humano demasiado humano I: um livro para espíritos livres**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (HH).

_____. **O Nascimento da Tragédia: Helenismo e Pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (NT).

_____. **Posthumous fragments**. <http://www.nietzschesource.org/texts>. Acesso em 20-10-2010.

_____. **Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2010. p. 49-160. (EE).

_____. **Terceira Consideração Intempestiva III: Schopenhauer Educador**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2010. pp. 161-259. (Co. Ext. III).

_____. **Verdade e mentira no Sentido Extra Moral.** Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum17/pdf/verdade.pdf. Acesso em 24 nov. 2010. (VM).

SCHOPENHAUER, A. **Dores do mundo.** Trad. José Souza de Oliveira. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1960.

_____. **O mundo como vontade e como representação.** Trad. Jair Barbosa. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

_____. **Parerga e paralipomena.** Seleção e Trad. Wolfgang Leo Maar;. In: _____. **Coleção os Pensadores.** São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 237-300.

_____. **Sobre a Filosofia Universitária.** Trad. Maria Lúcia Mello Oliveira e Marcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001.